

Ano XXXVII - N.º 10

Revista Mensal

2,50 €

Novembro 2021

MENSAGEIRO

de SANTO ANTÓNIO



SANT'EGIDIO

**POPOLI
FRATELLI
TERRA
FUTURA**

RELIGIONI E CULTURE
IN DIALOGO



**A OUSADIA
TAMBÉM É CAMINHO**

Sumário



Novembro 2021 | Nº 10 | Ano XXXVII

EDITORIAL

- 3** Pobres sempre os tendes convosco
Frei Severino

VOZ PARA VÓS

- 4** Tempo de Lázarus
Fabrizio Bordin

HOMEM E SOCIEDADE

- 6** **Ciao Domenico**
Frei Domingos (1956-2021)

- 8** **Ponto e contraponto**
Conjugar um nós
Idalino Simões

- 10** **Traços de uma Presença**
Vinde, Espírito Santo
Juan Ambrosio

- 12** **Pés na Terra**
Construir novos sonhos
Inês Espada Vieira

- 14** **Memória e tradição**
A benção dos animais
Pedro Teotónio Pereira

ESPECIAL

- 15** **Verbos da Salvação - 9**
Jardinar
Adelaide Miranda | Rui Pedro Vasconcelos

CULTURA

24 Artes e Letras

- Livros
Rui Vasconcelos
Cinema
Pe. Manuel Monteiro Mendes

IGREJA A CAMINHO

26 Economia de Francisco

- A pobreza em Portugal
Manuel Trigueiros Cunha

28 Espaço nova geração

- Marta Vieira da Silva
e Fernando Caló
Luís Leal

PÁGINAS ANTONIANAS

- 23** **António hoje**
Santo António, um santo jovem com o coração inquieto
Frei José Carlos Matias

- 30** **Nos Passos de António - 18**
Dinheiro no bolso
Fabio Scarsato

- 32** **Devoção**
Orações a Santo António

- 34** **Santo António mestre da palavra**
Jesus, Pão da Vida
Frei Valentim Strappazzon

CONTRACAPA

- 36** **Peço notícias de Deus**
Manuel Sérgio

Diretor

Frei José Augusto Marques
(Carteira Profissional TE-101)

Diretor-adjunto

Secundino Correia
(Carteira Profissional TE-1302)

Administrador

Frei Domenico Celebrin

Redação

Frei Severino Centomo

Proprietário e Editor

ACMSA - Associação Cultural Mensageiro de Santo António, entidade sem fins lucrativos (Pessoa Coletiva n.º 505 333 937)

Administração, Redação e Edição

Estrada de Assafarge, n.º 6
3040-718 Castelo Viegas

Atendimento:

segunda a quinta
das 10:00 às 12:30
e das 15:00 às 17:00

NOVO Telefone: 239 097 984

Correio eletrónico

assinantes@santoantonio.live

Preço da assinatura anual

Devoto / Portugal:	22 €
Amigo:	50 €
Benfeitor:	100 €
Europa:	40 €
Fora da Europa:	50€ - \$75 (CAN)

Preço avulso:	2,50 €
Números atrasados:	3,50 €

NIB da ACMSA

001000004251041000159

IBAN da ACMSA

PT50001000004251041000159
SWIFT/BIC: BBPIPTPL

Impressão

SERSILITO, Empresa Gráfica, Lda
Travessa Sá e Melo, 209
4471-909 MAIA

Número de Registo: 113.612

Depósito Legal n.º 26.837/89

Estatuto Editorial

<https://santoantonio.live/about/>

Edição digital

<https://santoantonio.live>

Tiragem do número anterior:

2.900 exemplares



Capa: Abertura do Sínodo, em Roma. Foto Ricardo Perna | Família Cristã, 7/10/2021.

Editorial: Monumento ao migrante, na praça de São Pedro. Foto Ricardo Perna | Família Cristã, 8/10/2021.

Contracapa: Peregrino muçulmano na montanha al-Noor, durante a peregrinação anual do Hajj a Meca, Arábia Saudita, 15 de agosto de 2018. Foto EPA/Sedat Suna.

O Mensageiro de Santo António segue as normas do Acordo Ortográfico, desde janeiro de 2012.



Frei Severino Centomo

O título da **Mensagem do Papa Francisco para o 5º Dia Mundial dos Pobres** é tirado do episódio evangélico em que Jesus chama a atenção das pessoas que o rodeavam, afirmando que Ele é o verdadeiro pobre e, portanto, o frasco de perfume que a mulher derramava sobre a sua cabeça nada roubava aos outros pobres! Pelo contrário, tal gesto, recorda-nos que há um laço indivisível entre Ele, os pobres e o anúncio do Evangelho.

Na sua Mensagem, o Papa desenvolve esta ligação “Jesus – pobres” e prossegue:

Toda a obra de Jesus afirma que a pobreza não é fruto duma fatalidade, mas sinal concreto da sua presença no meio de nós. Não O encontramos quando e onde queremos, mas reconhecemo-Lo na vida dos pobres, na sua tribulação e indignidade, nas condições por vezes desumanas em que são obrigados a viver. Não me canso de repetir que os pobres são verdadeiros evangelizadores, porque foram os primeiros a ser evangelizados e chamados a partilhar a bem-aventurança do Senhor e o seu Reino (cf. Mt 5, 3).

Continuando a aprofundar este tema, o Papa diz perentoriamente:

Jesus não só está do lado dos pobres, como partilha com eles a mesma sorte. Isto constitui também um forte ensinamento para os seus discípulos de todos os tempos. As suas palavras – “pobres sempre os tendes convosco” – preten-

dem indicar também isto: a sua presença no meio de nós é constante, mas não deve induzir àquela habituação que se torna indiferença... Os pobres não são pessoas “externas” à comunidade, mas irmãos e irmãs cujo sofrimento se partilha, para abrandar o seu mal e a marginalização, a fim de lhes ser devolvida a dignidade perdida e garantida a necessária inclusão social. Um gesto de beneficência pressupõe um benfeitor e um beneficiado, enquanto a partilha gera fraternidade. A esmola é ocasional, ao passo que a partilha é duradoura.

No final da sua mensagem, o Papa Francisco, citando o Padre Primo Mazzolari que dizia “Os pobres abraçam-se, não se contam», conclui:

Faço votos de que o Dia Mundial dos Pobres possa enraizar-se cada vez mais nas nossas Igrejas locais e abrir-se a um movimento de evangelização que, em primeira instância, encontre os pobres lá onde estão. Não podemos ficar à espera que batam à nossa porta; é urgente ir ter com eles às suas casas, aos hospitais e casas de assistência, à beira da estrada e aos cantos escuros onde, por vezes, se escondem... É importante compreender como se sentem, o que estão a passar e quais os desejos que têm no coração.

Oxalá o Espírito do Senhor nos dê olhos para ver, ouvidos para escutar e um coração para amar, a exemplo de Santo António, em cujo dia de festa o Papa Francisco assinou esta Mensagem. ■

Tempo de Lázaro

Frei Fabrizio Bordin

O título surgiu-me nestes dias em que me foi pedido para transcrever uma conferência *online* partilhada com outros intervenientes, em maio de 2020, logo a seguir ao primeiro confinamento provocado pela Covid 19. O tema era: “O que é que pode representar para nós este tempo de Lázaro?”.

O primeiro pensamento com que me deparei naquela altura, foi Lázaro de Betânia, irmão de Marta e Maria, que Jesus ressuscitou depois de quatro dias “aprisionado e encerrado no sepulcro” (cf. João 11). Bombardeados constantemente com o convite perentório para “ficar em casa”, também nós, nos sen-

timos “sepultados” entre quatro paredes, experimentando uma certa morte daquilo que era o nosso viver anterior.

Relações, vida laboral, encontros de família e vizinhança, desporto, vida religiosa, lazer e viagens: tudo ficou parado, numa atmosfera surreal de vazio e silêncio.

E juntamente aos versos que à janela alguém cantava ou pintava, “vai ficar tudo bem!”, na verdade tivemos que lidar com sentimentos de medo, de insegurança, de tensão e, sobretudo para os mais idosos, de solidão. Tivemos que reconhecer que não somos donos de tudo, que a normalidade que ficava para trás era doentia, até patológica, feita de frenesim, ligada ao ter e ao aparecer. Tivemos a oportunidade de descobrir que o “sepulcro” de Lázaro de Betânia não era apenas um lugar de morte e de isolamento, mas sim

um espaço de “gestação”, um seio materno para renascer, da noite escura do individualismo para uma nova luz de esperança e amor solidário.

Em 2021, iniciou-se o tempo da vacina, do sonho de debelar o vírus, com os nossos meios e conquistas. A vacina veio trazer serenidade para alguns, suspeita para outros, cavando ainda mais a divisão entre países ricos e países pobres. Entramos no tempo de Lázaro da parábola de Jesus, cheio de chagas, que gostaria de apanhar algumas migalhas do pão que caíam da mesa do rico. Mas não consegue, porque infelizmente, muitas vezes, os animais têm prioridade (cf. Lucas 16).

A pandemia gerou mais pobreza, quer nos países economicamente menos desenvolvidos, onde continuam a alastrar guerras e conflitos, quer nas periferias e aldeias do nosso Oci-

dente, sobretudo lá onde muita gente perdeu o seu emprego e não tem condições para pagar a renda, ou manter os filhos na escola ou chegar ao fim do mês com os gastos da alimentação e medicação.

Eis que o dia mundial do pobre que o Papa criou na Igreja, anos antes da pandemia, assume um significado ainda mais importante para nós cristãos, neste “tempo de Lázaro”! Há muitos Lázaros à nossa volta, anônimos e envergonhados, que precisam ser vistos e socorridos.

Este tempo de Lázaro de Betânia e do pobre Lázaro da parábola é o tempo propício em que somos chamados a sair da escuridão do sepulcro, reapropriando-nos de sentimentos de louvor e de gratidão por uma vida que renasce, que se abre à esperança, à confiança e à solidariedade. ■



Betânia, Casa de Lázaro.
Foto MSA 2011.

Campanha 1000 novos assinantes



MENSAGEIRO
de SANTO ANTÔNIO

Até 13 de junho

9 meses grátis (se agir rápido)

Assine, hoje mesmo, o *Mensageiro de Santo Antônio* e comece já a receber a revista digital e/ou impressa. A sua assinatura fica válida, até 13 de junho de 2023.

11 revistas por ano

11 revistas por ano na sua caixa do correio, incluindo o *Calendário Antoniano* e acesso à edição digital.

Inscrição e pagamento

santoantonio.live/assinantes



Ficha de Inscrição disponível na Internet.

Caso não tenha Internet, peça ajuda a um familiar/amigo ou a um dos freis no convento mais próximo da sua residência.

Receberá de imediato a Referência para efetuar o pagamento.

Se preferir poderá optar pela transferência bancária, devendo, nesse caso enviar o respetivo comprovativo para assinantes@santoantonio.live.



CIAO DOMENICO, TI VOGLIAMO BENE!

Frei Domingos

(Domenico Emilio Celebrin)

1956 - 2021



*O Frei Domingos era administrador do Mensageiro de Santo António, desde 2011, tendo-se envolvido com paixão em várias iniciativas da Associação, de que destacamos os **Diálogos com António 2020**, onde participou na temática “Ninguém fica para trás”, juntamente com o bispo de Pemba, Dom Luiz Fernando Lisboa, o Carlos João Diogo e a Filipa Pires Almeida, sob a moderação da Sónia Neves. Na sequência do que foi dito o Frei Domingos passou à ação, tendo inspirado e impulsionado a **Campanha Cabo Delgado quer Paz**.*

Comunicamos a todos os amigos, assinantes e colaboradores, com um rosto triste, mas com a alma cheia de esperança, que, a 26 de outubro, a irmã morte bateu à porta do nosso irmão Frei Domingos e o encontrou

preparado e pronto para a glória do céu.

O Frei Domingos tinha sido internado no CHUC (Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra) a 2 de setembro por enfarte agudo do miocárdio, tendo sido submetido, de imediato, a angioplastia coronária com implantação de stents. Durante o internamento, teve ainda necessidade de implantação de um pacemaker definitivo por bradicardia severa. Após a alta hospitalar, desenvolveu um quadro de insuficiência renal aguda grave e infeção, que motivou novo internamento, que culminou com a morte em choque séptico refratário ao tratamento médico.

Em toda esta caminhada de dor, esperança e desânimo, o irmão Domingos tudo aceitou com fé e com um sorriso nos lábios. Estava igualmente pronto para lutar pela cura e para aceitar a

vontade de Deus e repousar no abraço do seu Papá.

A sua morte provocou uma onda de consternação e solidariedade não só na comunidade paroquial de Santo António dos Olivais, mas também na Igreja Diocesana de Coimbra e na paróquia de São Maximiliano Kolbe de Chelas, em Lisboa. A sua figura era bem conhecida e apreciada, especialmente pelos seus dons de bondade, hospitalidade, sabedoria, misericórdia e caridade.

O Bispo de Coimbra, D. Virgílio do Nascimento Antunes, quis que o funeral fosse celebrado na Sé Nova de Coimbra, para oferecer mais espaço ao grande número de pessoas previstas para a ocasião. A celebração presidida pelo bispo, teve lugar na sexta-feira, 29 de outubro, às 15h30 e foi transmitida nas redes sociais, com mais de 30 000 visualizações.

Estiveram presentes os frades da Delegação de Portugal, assim como o Frei Gilberto Depeder, Vigário Provincial (o Ministro provincial estava em visita aos frades da Delegação do Chile); bem como vários paroquianos da comunidade de Lisboa onde o frei Domingos exerceu o seu ministério ao longo de 14 anos, antes de chegar a Coimbra.

O frei Domingos tornou-se no meio de nós, um frade e um pastor que amou muito, ficou-lhe na pele o cheiro de tantas ovelhas, pessoas e instituições. Com a sua simplicidade, espírito de procura, entusiasmo contagiante, proximidade aos pequenos (crianças e idosos) e aos últimos, tornou-se um belo pastor de almas. Sim belo, redondo, luminoso, cativante, apesar dos sinais de que precisava ter mais amor pela sua saúde e pessoa.

Foi um arauto do ecumenismo participando sempre ativamente na organização e dinamização da Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos, pois acreditava que é muito mais o que nos une do que aquilo que nos separa.

Acreditava que na Igreja há espaço para todos os buscadores, que Deus é misericórdia e não faz acepção de pessoas.

Não conseguia ter pausas, o bendito “shabat”, porque para o frei Domingos era lícito curar ao sábado, no dia consagrado ao repouso, ao descanso.

E quando lhe foi concedido o repouso sabático, um ano inteiro, e tudo estava pronto para voar “leve, livre e alegre” para Itália, “Deus trocou-lhe as voltas”, ofereceu-lhe o oitavo dia, o dia – como bem diz o seu nome – do Domingo, para contemplar face a face o rosto de Deus Pai. ■

NOTA BIOGRÁFICA



Frei Domingos (Domenico Emilio Celebrin) nasceu a 4 de março de 1956, em Sabaudia, no Centro-Sul de Itália, a meio caminho entre Roma e Nápoles.

Aos 17 anos alistou-se, como voluntário, no exército Italiano. Depois de três anos abandonou os sonhos de carreira militar e poucos meses depois, a 25 de Setembro de 1977, entrou no Seminário dos Franciscanos Conventuais, em Pádua, onde fez os estudos teológicos e filosóficos, tendo, depois, feito Teologia Pastoral, no Instituto Pontifício Lateranense, em Roma.

Fez a profissão dos votos temporários como franciscano conventual em Pádua, na Basílica de Santo António, a 12 de Setembro de 1981 e os votos perpétuos como frade, em Roma, a 19 de novembro de 1985, na paróquia de São Marcos Evangelista.

Foi ordenado presbítero, a 20 de setembro de 1986, em Borgo Vodice, na praça da aldeia, sob uma palmeira, por ser demasiado pequena a igreja para conter todos os habitantes do lugar e os amigos de Roma.

Viveu os seus primeiros 7 anos de ministério pastoral numa paróquia das periferias de Roma, São Marcos Evangelista, em Agro Laurentino.

Tendo manifestado o desejo de ir como missionário para o Chile, os seus superiores acharam mais oportuno enviá-lo para Portugal, para um dos bairros da periferia de Lisboa: Chelas, (famosa pela zona J, o bairro do Relógio, o bairro do Camboja...).

Chegou a Lisboa, a 19 de setembro de 1991, onde ficou 14 anos, até setembro de 2005, na paróquia de São Maximiliano Kolbe, tendo sido vigário paroquial e membro do Conselho Presbiteral do Patriarcado, entregando-se com entusiasmo à vida pastoral e social.

A 25 de Setembro de 2005, veio para Coimbra, onde foi guardião do convento durante 12 anos e pároco em Santo António dos Olivais durante 16 anos, até 2 de outubro de 2021, altura em que passou o testemunho ao Frei Fabrizio Bordin. Com dedicação total deu a sua vida à paróquia e à diocese, tendo sido arcepreste do Arciprestado de Coimbra Urbana, membro do Conselho Presbiteral Diocesano, membro do Secretariado Diocesano da Coordenação Pastoral e grande impulsionador do movimento ecuménico na diocese.

Faleceu em Coimbra, ao fim da tarde de 26 de outubro de 2021.



Conjugar um nós

Idalino Simões

Abertura do Sínodo dos Bispos e vista panorâmica da praça de São Pedro. Fotos Ricardo Perna | Família Cristã.

Começou, a 17 de outubro, o Sínodo nas diversas dioceses do mundo católico. Abre-se um caminho que não deixará as coisas como antes. Que se espera? Que caminhos há para desvendar? Que aurora pode acontecer na noite de humilhação que os diversos escândalos têm produzido na Igreja?

Vale a pena ouvir as palavras do Papa na reflexão de abertura do Sínodo, a 9 de outubro.

Citando Ives Congar: “Não é preciso fazer outra Igreja; é pre-

ciso fazer uma Igreja diferente” (*Verdadeira e Falsa Reforma na Igreja*, Milão 1994, 193), o Papa desafia a comunidade cristã a entregar-se de alma e coração a este desafio transformador e renovador: **comunhão, participação e missão** não são palavras gastas, mas palavras geradoras, palavras capazes de gerar uma nova consciência de ser Igreja.

Estas três palavras têm estado no centro de muitos dos encontros pastorais dos tempos recentes. Importa que sejam assumidas como um maneira de ser e de estar, como um apelo à conversão, não só dos corações, mas também de estruturas.

O Sínodo poderá ser uma enorme escola de aprendizagem da participação e da comunhão.

NÃO HÁ, NO POVO DE DEUS, UMA CULTURA DE PARTICIPAÇÃO

Carregamos muitos séculos de ouvir, assistir e cumprir. Falamos muito de missão e até se avança com novos métodos de *marketing*, mas ficamos perturbados com palavras como inculturação, ecumenismo e diálogo inter-religioso.

QUE DIZ O ESPÍRITO À IGREJA?

Que dirá o Espírito à Igreja se nos dispusermos a escutar o *Ruhá* de Deus na vida das pessoas, nos seus problemas quotidianos e no seu sentido profundo de fé?

Uma Igreja sinodal será uma Igreja aberta a essa escuta e aos profetas que vão lendo os sinais dos tempos.

Um caminho que deve ser percorrido como o povo de Israel no deserto: assumir o caminho e o seu horizonte sem se deixar perder pela saudade das cebolas em tempo de servidão. Com a coragem de enfrentar caminhos novos e desconhecidos que a cultura de hoje vai traçando e para os quais as nossas velhas regras e as nossas velhas leis pouco valem...

Será um caminho com todos. Com a coragem de ouvir vozes dissidentes e distantes, porque por elas também o Espírito envia sinais à Igreja.

O caminho sinodal não será caminho aberto se não houver de todos uma vontade de caminhar e de dar as mãos aos que se atrasam. Não haverá caminho sinodal se houver quem queira isolar-se do conjunto para caminhar solitariamente.

O Sínodo deve ouvir também os sinais da mãe terra que tem sido espoliada pela ganância e pela incúria. Porque sem terra saudável não há espaço para habitar.

Poderemos estar no acontecimento eclesial mais significativo depois do Concílio Vaticano II. São caminhos abertos de reconfiguração das próprias estruturas da Igreja, removendo as lógicas de poder e de riqueza que alguns insistem em não abandonar. Avançar sem receio dos medos, como dizia o cardeal Grech, desafiando os crentes a expressarem os seus medos para que possam ser ultrapassados com a ajuda do Secretariado do Sínodo.

MAS NÃO HÁ CAMINHO SEM ESCOLHAS

O Papa refere três escolhos que se vão atravessar no caminho sinodal : *o individualismo, o intelectualismo e o imobilismo.*

São riscos aos quais urge prestar atenção para que o Sínodo não seja uma revolução lampedusiana: mudar alguma coisa para tudo ficar na mesma. Esta tentação está presente em todos os processos de transformação: os que não querem que nada mude procuram apenas dar uns toques na maquilhagem.

A aventura começou. Que ela seja uma enorme peregrinação, uma marcha comum. Acreditamos que o Espírito de Deus estará como o seu sopro a refrescar esta Igreja. Acreditamos que o Espírito soprará as velhas folhas para que rejuvenesca a árvore antiquíssima.

Oxalá aqueles que devem ser os animadores desta peregrinação não digam (como recentemente alguém referia): “Le synode c’est moi” (O Sínodo sou eu). ■



Vinde, Espírito Santo

Juan Ambrosio

Abertura do Sínodo dos Bispos. Fotos Ricardo Perna | Família Cristã.

Obrigado por estardes aqui na abertura do Sínodo. Percorrendo diversos caminhos, viestes de tantas Igrejas trazendo cada um no coração questões e esperanças; e tenho a certeza de que o Espírito nos guiará e concederá a graça de avançarmos em conjunto, de nos ouvirmos mutuamente e iniciarmos um discernimento no nosso tempo, tornando-nos solidários com as fadigas e os anseios da humanidade. Reitero que o Sínodo não é um parlamento, o Sínodo não é uma investigação sobre as opiniões; o Sínodo é um momento eclesial e o protagonista do Sínodo é o Espírito Santo. Se não estiver o Espírito, não haverá Sínodo.

Foi com estas palavras que o papa Francisco iniciou o momento de reflexão para o início do percurso sinodal, no passado dia 9 de outubro, em Roma. Nelas pode-se, com facilidade, intuir a importância que atribui a este momento eclesial, como muito apropriadamente lhe chama.

Não é preciso, aliás, ser muito arguto para perceber como a sinodalidade é vista, neste pontificado, como sendo um dos traços estruturantes da missão e da identidade da Igreja e da experiência cristã. Uma leitura das Exortações e Encíclicas de Francisco permite-nos tirar, sem grande dificuldade, a seguinte conclusão: a sinodalidade não é na Igreja uma simples

metodologia, mas um modo de ser. Permitam-me dizer assim, ainda que possa não soar muito bem: a Igreja é desafiada não só a praticar a sinodalidade, mas principalmente a ser sinodalmente.

Neste momento eclesial, atrevo-me eu a dizer, joga-se muito do seu futuro e da sua credibilidade. Se este percurso, agora iniciado, não introduzir mudanças significativas na maneira como as comunidades cristãs se organizam e agem, pode-se correr o risco de ficarem acantonadas em espaços e tempos que, cada vez mais, dificultarão a presença e interpelação da proposta cristã, e do Evangelho que ela transporta, na construção das nossas sociedades.

Por isso mesmo, neste discurso inicial do Sínodo somos alertados para três perigos para os quais é necessário estar muito atentos.

O primeiro, o do *formalismo*, que pode reduzir o Sínodo a um evento extraordinário, mas de fachada, por isso quando se fala numa Igreja sinodal não nos podemos contentar com a forma, tendo a necessidade de dar muita atenção à substância;

O segundo, o do *intelectualismo*, que pode levar a uma abstração que desvia da realidade, transformando o Sínodo numa espécie de grupo de estudo, com intervenções que podem ser muito cultas, mas acabam por ser alheias aos reais problemas da Igreja e do mundo; por fim, o terceiro, o do *imobilismo*, que se aferra ao “sempre se fez assim”, para não ousar as mudanças que o tempo histórico que estamos a viver está a exigir, correndo o risco de adotar sempre as mesmas soluções velhas para os problemas de hoje, que, mesmo podendo ter alguns traços semelhantes, são novos.

Este momento eclesial, deve ser vivido (temos que fazer tudo o que estiver ao nosso alcance e nos corresponde para que assim seja) como um tempo de graça que o Bom Deus nos concede, possibilitando-nos três oportunidades. A de nos encaminhar-mos, não ocasionalmente, mas estruturalmente, para *sermos uma Igreja sinodal*, uma Igreja onde todos se sintam em casa e possam participar. A de nos tornarmos *uma Igreja da escuta*, capaz de fazer pausas nos seus ritmos para escutar o Espírito, para escutar as pessoas, para escutar o Espírito no pulsar da vida concreta das pessoas. A de sermos *uma Igreja da proximidade*, assumindo como estilo de vida o estilo do próprio Deus, que é proximidade, compaixão, ternura. Uma Igreja, que não se alheia da vida e quer cuidar das fragilidades e pobreza da humanidade, curando as suas feridas com o bálsamo do Evangelho.

Por tudo isto me parece ser fácil perceber a verdadeira importância que as três palavras-chaves do Sínodo encerram: comunhão, participação, missão. Nelas podemos descobrir a realidade que a Igreja é chamada a

ser. Só em comunhão e com a participação de todos, pode a Igreja ser fiel à missão que Deus lhe pede de cuidar, ao modo do bom samaritano, de toda a humanidade.

A importância do momento eclesial que estamos a viver parece-me evidente e nele julgo mesmo que podemos encontrar traços da presença de Deus que acompanha a humanidade. Por isso, cito de novo o momento de reflexão para o início do percurso sinodal, agora nas suas últimas palavras:

Vinde, Espírito Santo! Vós que suscitais línguas novas e colocais nos lábios palavras de vida, livrai-nos de nos tornarmos uma Igreja de museu, bela mas muda, com tanto passado e pouco futuro. Vinde estar connosco, para que na experiência sinodal não nos deixemos dominar pelo desencanto, não debilitemos a profecia, não acabemos por reduzir tudo a discussões estereis. Vinde, Espírito Santo de amor e abri os nossos corações para a escuta. Vinde, Espírito de santidade, e renovai o santo Povo fiel de Deus. Vinde, Espírito Criador, e renovai a face da terra. Amen. ■



Construir novos sonhos

Inês Espada Vieira

Conferência ACEAG, Carla Martins, testemunho de uma voluntária.

À direita: Sala de aula do 1º ciclo no Gurué, agosto 2021; 3 extensionistas com os seus diplomas de conclusão da formação em agricultura sustentável, 16-10-2021, Dia Mundial da Alimentação; Vista aérea de uma mandala circular agrícola. Fotos ACEAG.

No dia 16 de outubro, realizou-se no Seminário de Nossa Senhora de Fátima, em Alfragide, a primeira conferência da ACEAG Portugal: *Wethxa. Vamos Construir Novos Sonhos!*

Para quase todos os que nos leem a frase acima pouco diz. Talvez alguns saibam que Alfragide fica ao lado de Lisboa, mas é provável que só o meu vizinho das páginas anteriores, o querido Juan Ambrosio, saiba o que é a ACEAG Portugal.

Trata-se da irmã gêmea de uma associação com o mesmo nome, fundada em Moçambique, na província da Zambézia pelos padres dehonianos: Associação Centro de Ensino e Agricultura do Gurué.

Caros amigos, escrevo-lhes emocionada com o que tenho visto e sei que está programado: não é só mais uma associação a atuar num país africano. Não é apenas mais um grupo de pessoas com um projeto para implementar e “agir no terreno”. Em países onde falta tudo, países que são os últimos dos últimos em todos os índices de desenvolvimento humano (Moçambique ocupa o lugar 181 no conjunto de 189 países deste índice das Nações Unidas), qualquer ação faz a diferença.

A ACEAG faz e fará uma grande diferença com a construção de escolas, o *empowerment* (empoderamento) das mulheres, a formação na Escola Machamba, as mandalas circulares agrícolas, as capoeiras com a criação para autoconsumo e para a venda de ovos, as bombas de água, a utilização da energia

solar, etc. Convido os leitores a saber mais sobre a ACEAG em <https://aceag.org/>.

Coordenada pelo madeirense, P. Luciano Vieira, a ACEAG nasce de uma vontade informada e colaborativa sobre o que é necessário para uma mudança positiva junto das pessoas e do território. Para quem trabalhamos? Sobretudo, com quem iremos trabalhar? O que pode ser feito no lugar onde estamos? Como cuidar dos seres humanos sem descuidar da terra que lhes dá o chão e o sustento? Como ouvir aqueles que precisam de ir ao encontro das suas aspirações? Quais são as prioridades?

Tantas são as perguntas que (re)conhecemos no contexto de várias missões. São as mesmas perguntas que levaram as Nações Unidas a procurar repostas, sintetizando-as em

17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), também conhecidos por **Agenda 2030**. Cada um dos Objetivos incorpora várias metas que se tornam reais e fazem sentido em diferentes contextos nacionais e comunitários.

No caso da ação da ACEAG no Gurué, podemos observar que quase todos os ODS estão presentes. Desde logo os primeiros oito, encabeçados pela ambição urgente e radical de “erradicar” a fome e a pobreza. Quase em jeito de brincadeira, e por mera impossibilidade geográfica, diríamos que a ACEAG só não pode agir no âmbito do ODS 14, “proteger a vida marinha”.

Se o nosso ponto de vista forem os Objetivos *Laudato Si'*, sistematizados em função da proposta do Papa Francisco na encíclica com o mesmo nome (2015) sobre o cuidado da casa comum, então veremos que a ação da ACEAG no Gurué responde na totalidade a estes objetivos: resposta ao clamor da Terra, resposta ao clamor dos pobres, economia ecológica, adoção de estilos de vida sustentáveis, educação ecológica, espiritualidade ecológica, envolvimento da comunidade e ação participativa.

ODS ou *Objetivos Laudato Si'* são formas diferentes de dizer

o mesmo: é precisa uma nova humanidade. No sábado, dia 16 de outubro, na sua intervenção, Juan Ambrosio reiterou este apelo fundamental que nos chega dos escritos do Papa. Uma nova humanidade não significa descartar estas pessoas, desistir de nós e dos outros, inventar outras gentes. Uma nova humanidade significa renovar a esperança, renovar a nossa maneira de estar em relação (insisto, somos os outros dos outros...).

Há pessoas que levam tudo por diante, com(o) um sopro abençoado de força anímica, de talento na mobilização dos outros, com uma visão ampla e estruturada, com capacidade para perceber as prioridades de um projeto ambicioso e arrojado.

A ACEAG nasceu do sonho e da persistência de uma dessas pessoas. Não é um herói nem um super-homem, é tão-só um de nós, sabendo fazer com que cada um queira, livremente, dar o melhor de si a quem precisa de uma mão que o segure e oriente. Não de uma mão que aperte e estrangule, mas de uma mão firme que puxe o passo seguinte para que cada um, cada comunidade, possa prosseguir confiante o seu caminho. ■



Distrito de Gurué, província da Zambézia, Moçambique.

- 5 688 km quadrados
- 200 000 habitantes
- Média de 5 filhos por mulher
- 53% das crianças subnutridas
- Economia depende 90% do chá
- Cidade desde 1998

Imagem de NordNordWest | Wikimedia Commons

COMO AJUDAR:

[HTTPS://ACEAG.ORG/DOACOES/](https://aceag.org/doacoes/)

130 euros apoiam uma família para:

- construção de mandala,
- fornecimento de 30 galinhas,
- rede para a capoeira,
- mudas para os canteiros agrícolas,
- apoio técnico especializado.



A bênção dos animais

Pedro Teotónio Pereira
Museu de Lisboa
Santo António

No lugar de Mixões da Serra, na freguesia de Val-dreu, concelho de Vila Verde, o último domingo antes de 13 de Junho, dia de Santo António, é marcado pela bênção dos animais, uma tradição secular com origem no século XVII.

Nesse dia, o largo do Santuário de Santo António de Mixões da Serra enche-se com os devotos que levam vacas, cavalos, cabras, cães, gatos e até pombas para a bênção. Diz-se que assim se garante a proteção dos animais, saúde e bons produtos como leite ou ovos.

Tem origem numa promessa dos pastores e lavradores que evocavam Santo António para

proteger os seus animais e as suas colheitas dos lobos e dos javalis que desciam da Serra do Gerês. Como forma de agradecimento, foi erguida uma ermida, mais tarde ampliada para igreja e santuário.

Ainda hoje, a bênção dos animais continua a ser uma festa muito desejada e participada pela população local e demais devotos da romaria.

É uma forma de celebrar o Santo António enquanto protetor dos animais, padroado que pertence também a Santo Antão, mas por contaminação linguística (António e Antão têm a mesma origem latina “Antonius”) é atribuído a Santo António.

Durante mais de 20 anos o fotógrafo Alfredo Cunha registou esta histórica romaria de Santo

António de Mixões da Serra, que resultou numa exposição de fotografias atualmente patente ao público no Museu de Lisboa – Santo António até final de janeiro de 2022.

Através da lente de Alfredo Cunha e da qualidade do trabalho a que já nos habituou, somos transportados para o ambiente místico da serra minhota, numa das mais extraordinárias romarias dedicadas a Santo António, revelando a inusitada vertente rural deste Santo que, em Lisboa e em muitas cidades portuguesas, está sobretudo ligado aos casamentos de Santo António e ao bairrismo das marchas e arraiais populares das festas de junho. ■



A bênção dos animais, em Mixões da Serra. Fotos de Alfredo Cunha.

Os verbos da salvação

9. JARDINAR

Um verbo acessível a todos, da varanda do apartamento às hortas urbanas passando pelos espaços rurais, jardinar é uma atividade tão antiga quanto o ser humano, a ponto de ser um mapa para compreender as alianças que constituem a nossa história...

1. Um brevíssimo passeio pela ciência do *jardinar*



Foto: Kaufmann Mercantile | Unsplash

Hoje vamos passear pelo jardim, pela horta, pela natureza – de mãos dadas com a ciência, pois claro! Neste artigo, quando falamos em *jardinar*, pensamos também em podar, cultivar, semear, plantar... em todos os verbos que nos levam a pôr as mãos na terra e a tratar de outro ser vivo, quer seja uma flor, uma planta ou uma árvore.

O tema é quase tão antigo quanto o ser humano e, neste artigo, não estamos a pensar em jardinar como uma ação gerida

pelo nosso cérebro de caçador-recolector, apesar de Steven Pinker, professor de Psicologia na Universidade de Harvard (EUA) sugerir que o ser humano se começou a interessar por flores porque indicavam comida no futuro, por exemplo, em forma de fruta ou frutos secos.

Contudo, hoje viajamos para um cérebro de pensamento lento de que nos fala Lambert Maftei no seu *Elogio da Lentidão*, e de que já falámos noutros *Verbos da Salvação*. O mesmo que levava o filósofo Immanuel Kant (1724-1804) a usar flores como exemplo de beleza “livre”, a beleza à qual respondemos independentemente do seu valor cultural ou da sua utilidade. Será um certo desejo de parcimónia?

DE BENTO DE NÚRSIA A HILDEGARDA DE BINGEN...

Uma das primeiras descrições dos efeitos terapêuticos da jardinagem e das suas atividades chega-nos de Bento de Núrsia (c. 480-547) que descreve como o doente retira força da beleza da natureza. Bento de Núrsia, o grande São Bento, e os beneditinos são descritos como responsáveis por grande parte do trabalho restaurador das terras erodidas deixadas pelo domínio de Roma.

Um mosteiro beneditino tinha por norma vinhas, pomares e parcelas de terra destinadas ao crescimento de vegetais, flores e plantas aromáticas. Um vergel!

São Bento acreditava que a vida do espírito tinha que estar fundamentada numa relação com a terra. Seis séculos depois, ali pelo século XII, surge Hildegarda de Bingen, doutora de Igreja, monja, compositora, teóloga e respeitada herbalista na época. Hildegarda, considerada uma visionária, acreditava que havia uma ligação inevitável entre a saúde do planeta e a saúde física e espiritual do ser humano. Hildegarda colocava no centro do seu pensamento a natureza, apontando que só se pode prosperar quando o mundo natural também prospera. Hoje é considerada por muitos como uma precursora do movimento moderno ecológico.

COMO DA HORTA DE UM MOSTEIRO NASCEU A MATEMÁTICA DA HEREDITARIEDADE...

“Ai filha tens a cor dos olhos teu pai!”; “pela pinta deves ser neto de fulano”; “és a cara chapadinha da mãe”; “a doença é de família”. Hoje, falamos de código genético, fenótipos e genótipos, alelos recessivos e dominantes, e a genética é um mundo fascinante cujos fundamentos nasceram num jardim de um mosteiro da atual República Checa.

As ervilhas (as *Pisum Sativum*) estão de volta! No *Verbo da salvação* “Escutar e Ouvir” falámos de como as ervilhas “ouvem” através das vibrações; desta vez vamos aflorar como foram importantes para o nascimento da genética.

Não nos poderíamos esquecer, neste verbo da salvação, do agora clássico Mendel, cujo trabalho científico pioneiro só foi reconhecido pelos seus pares, postumamente, em 1900. Durante o século XX e até 2008 (ainda!), há cientistas que discutem acaloradamente se o trabalho de Mendel é escrupulosamente rigoroso ou não. Gregor Mendel foi um frade agostiniano que viveu entre 1822 e 1884. Desde pequeno que gostava de plantas e no mosteiro estava encarregue dos seus jardins. Entre 1856 e 1863, desenvolveu as suas experiências com o que tinha à mão: terra e ervilhas.

O que é que ele estudou nas ervilhas? O que podia observar sem grandes instrumentos: a altura da ervilheira, forma e matiz do tegumento da semente, a cor e a posição da flor da ervilheira, a forma e a cor da vagem.

O que é que ele descobriu depois de tantos anos de estudo, a rondar as 30 mil plantas e depois de ter desenvolvido 22 variedades de ervilheiras?

Mendel primeiro começou com cruzamentos monohíbridos, desenvolveu previsões estatísticas das características herdadas que depois estudou com cruzamentos mais complexos. E por fim, com a ajuda da matemática, Mendel desenvolveu para a área da biologia métodos estatísticos que conseguem prever características hereditárias. Claro que os agricultores já faziam cruzamentos de espécies há uns bons milhares de anos e, claro que nem todos os organismos transmitem os genes da mesma forma que as ervilheiras, mas o que é importante reter é que a matemática derivada do estudo das ervilheiras do monge Mendel é usada para explicar as características hereditárias, ajudando a salvar vidas...



Pisum Sativum - ervilheira, imagem do livro do Prof. Dr. Otto Wilhelm Thomé, *Flora von Deutschland, Österreich und der Schweiz*, 1885, Gera, Germany, Foto de Kilom691 | Wikimedia Commons

COMO A CIÊNCIA ESTUDA OS EFEITOS DA JARDINAGEM...

Apesar de ser quase tão antigo quanto o ser humano, é de tão difícil aproximação para a ciência medir efeitos concretos em parâmetros fisiológicos, que o consenso não é geral. Já sabemos que a ciência gosta de quantificações, estudos que possam ser reproduzidos noutra parte com os mesmos resultados: quando se varia alguma coisa, a outra responde de determinada forma. Tal como vimos no *Meditar*, não é fácil neste tipo de experiências isolar determinadas variáveis para medir apenas como se comporta outra.

A ciência distingue as atividades de jardinagem das atividades hortofrutícolas. Há um artigo de revisão publicado em 2020, liderado por Michelle Howarth da Universidade de Salford (Reino Unido), onde se analisam estudos publicados quer em atividades de jardinagem, quer em atividades hortofrutícolas. A questão fundamental que tem por base este artigo é: há evidências robustas, baseadas em modelos lógicos e quantitativos, de que a jardinagem e as atividades relacionadas possam servir de base a decisões estratégicas na área da saúde? Que evidências existem de que os jardins beneficiam a saúde física e mental e o bem-estar geral?

A ideia da jardinagem como atividade salutar não é nova.

O que é novo é a necessidade de padronização dos estudos para promover a jardinagem como medida de saúde e bem-estar. Em termos fisiológicos foram reportadas melhorias nos níveis de açúcar no sangue, no nível de cortisol (hormona diretamente envolvida no stress), no ritmo dos batimentos cardíacos, no nível de lípidos no sangue, na pressão arterial, no índice de massa corporal, nos parâmetros analisados na urina. Em termos de saúde mental descobriu-se que ter uma horta ajuda a combater o stress, a depressão e as perturbações de stress pós-traumático.

Atenção, não estamos a falar de agricultura de sobrevivência (não é disto que se trata). A comunidade científica que estuda este campo sente necessidade de estudos cada vez mais rigorosos, de modo a haver um consenso em termos de dados quantitativos e qualitativos, para que se possam implementar medidas concretas nesta área.

Sue Stuart-Smith, psiquiatra e psicoterapeuta britânica, tem um livro recente apaixonante: *The Well Gardened Mind – Rediscovering nature in the modern world* (traduzido em espanhol), onde explora os efeitos reais da natureza na nossa saúde e bem-estar. De uma forma brilhante combina a história, a neurociência, a psicologia e a psicanálise com casos reais da sua vida e prática clínicas. O livro mostra-nos

aquilo que vimos a constatar: num mundo excessivamente urbanizado (onde existe uma relação entre a falta de espaços verdes e o aumento da criminalidade) onde predominam as tecnologias ininterruptas, redescobrir a relação com a terra e com a natureza pode ajudar-nos a navegar pela vida.

Sue acredita que jardinar pode ser um ritual, que transforma a realidade externa e dá origem à beleza, não só à nossa volta, mas também dentro de nós, através do seu significado simbólico. Um jardim põe-nos em contacto com uma gama de metáforas que moldaram profundamente a mente humana durante milhares de anos, metáforas que de tão profundas estão quase escondidas no nosso pensamento.

Seguramente apreciar a beleza de um jardim ou de um vergel, comer um damasco da árvore, sentir o calor, o frio ou a humidade da terra nas mãos, os sons que nos rodeiam, a água a entrar na terra, prestar atenção ao pessegueiro que nos retribui em aroma depois de o regarmos, dar forma a uma árvore ou a umas hidranjas, o aroma inconfundível e a cor vibrante das frísias, das magnólias ou das amendoeirais a anunciar a primavera ou mesmo tratar das plantas lá de casa, sejam umas sardinheiras, umas orquídeas ou uma aromáticas... só pode fazer bem!





2. Uma poética bíblica do jardim

Criança planta um tomateiro, Foto de Tatevosian Yana, ©yanadjan - stock.adobe.com

A linguagem bíblica gosta de trabalhar com símbolos, com metáforas ou imagens que povoam o imaginário de quem lê e de quem escuta. Quem não encontra na sua memória, fechando os olhos, a imagem de um jardim primitivo, seja o de um paraíso primordial, seja o de uma casa de infância na aldeia, seja o de um parque perto da escola, na cidade?

São imagens que suscitam sentimentos ou emoções de saudade ou nostalgia de lugares que já não existem ou aos quais já não se regressa, de enlevo pela beleza de que se desfrutava, de confiança por tudo nos ser dado e apresentado, sem nada nos exigir em troca...

O crente que, debruçado na Bíblia ou escutando-a no seu espaço familiar ou celebrativo, escute a palavra *jardim* será transportado para esse mundo mágico de beleza, mas também de perda (per-

da da etapa da infância, ficando as memórias), de maravilhamento, mas também de sofrimento (da perspectiva do trabalho e da luta pelo alimento).

Há verbos que, paradoxalmente, têm uma conotação mais passiva do que ativa: ao contrário, por exemplo, do verbo *cultivar* e de toda a sua envolvimento agrícola, o verbo *jardinar* trabalha não só, em muitas situações, com elementos que já existem e que a natureza proporciona, como não tem, na maioria das vezes, uma finalidade de produção ou de lucro. Um jardim sacia, mas não sacia o ventre. Talvez seja, por isso, um espaço de lazer, de desfrute ou de contemplação, ao passo que a horta ou o campo são os espaços da necessidade e do trabalho.

Na Bíblia surge-nos, à primeira vista, um paradoxo: os jardins não são, normalmente, criados por mão humana. Ou, pelo menos, tal criação não é narrada. Ao contrário das sementeiras e das colheitas, do comércio, da pastorícia ou da edificação de vinhas, nos jardins bíblicos as personagens são introduzidas ou apresentadas.

Tais personagens assemelham-se um pouco a crianças que encontram um mundo já constituído e nele procuram habitar, criando interações rituais com os diversos objetos existentes segundo dinâmicas de investimento. Talvez por isso a imagem de um jardim no qual a água brote em abundância seja a imagem da Terra Prometida ou do Reino dos Céus, para um povo que, na sua origem, tem a matriz das tribos nómadas do deserto.

A esta beleza, os textos bíblicos associaram – um facto comum à pluralidade das culturas, quer no tempo bíblico, quer no nosso – ao espaço do jardim a experiência da relação amorosa, conjugal ou de noivado: o jardim como espaço de encontro ou de enamoramento é algo comum também aos nossos dias. O verbo *jardinar* torna-se assim, paradoxalmente, sinónimo do verbo *amar*. O mistério do amor humano tem lugar nas páginas bíblicas e é por estas elevado a símbolo da relação de Deus com o seu povo: talvez por isso, pela presença tão humana nestas páginas, se explique o porquê do nosso afastamento delas.

NO JARDIM DA PÁSCOA

No primeiro dia da semana, Maria Madalena foi ao túmulo logo de manhã, ainda escuro, e viu retirada a pedra que o tapava. (...) Junto ao túmulo, da parte de fora, Maria estava a chorar. Sem parar de chorar, debruçou-se para dentro do túmulo, e contemplou dois anjos vestidos de branco, sentados onde tinha estado o corpo de Jesus, um à cabeceira e o outro aos pés. Perguntaram-lhe: “Mu-

lher, porque choras?” E ela respondeu: “Porque levaram o meu Senhor e não sei onde o puseram”.

Dito isto, voltou-se para trás e viu Jesus, de pé, mas não se dava conta que era Ele. E Jesus disse-lhe: “Mulher, porque choras? Quem procuras?” Ela, pensando que era o encarregado do horto, disse-lhe: “Senhor, se foste tu que o tiraste, diz-me onde o puseste, que eu vou buscá-lo”. Disse-lhe Jesus: “Maria!” Ela, aproximando-se, exclamou em hebraico: “Rabbuni!” – que quer dizer: “Mestre!” Jesus disse-lhe: “Não me detenhas, pois ainda não subi para o Pai; mas vai ter com os meus irmãos e diz-lhes: ‘Subo para o meu Pai, que é vosso Pai, para o meu Deus, que é vosso Deus.’” Maria Madalena foi e anunciou aos discípulos: “Vi o Senhor!” E contou o que Ele lhe tinha dito. (Jo 20, 1.11-18)

Comecemos, desta vez, pelo final: pelo Novo Testamento. Afinal ele é, para a grande maioria de nós, a porta de entrada, o primeiro anúncio da fé, a que depois se seguirá – se a vida assim o permitir e convidar – a descoberta do Primeiro Testamento.

É, de facto, aqui que tudo começa, no anúncio ou testemunho que escutamos, de que o Senhor ressuscitou. O Evangelho de João tem a particularidade de situar num jardim o lugar da crucifixão de Jesus e o sepulcro onde o seu corpo é depositado. A tal ponto que Maria Madalena, a discípula, confunde o Ressuscitado com o jardineiro, num jogo de equívocos muito comum no Evangelho de João: numa asserção aparentemente equivocada ou mal-intencionada, a personagem diz uma verdade acerca de Jesus.

Ele é, de facto, o *Jardineiro*, ainda que a discípula não o compreenda de imediato em toda a sua verdade: o Ressuscitado é o Senhor da vida e da morte, do espaço em tudo o que de pior o ser humano pode fazer, e do mesmo espaço onde a vida divina pode brotar; é o Senhor que converte da morte para a vida não só o tempo, mas também o espaço.

Uma literatura de tipo mais sensacionalista aponta a hipótese de um romance entre Jesus e Maria Madalena, equivocadamente confundida na tradição com a personagem feminina de Lc 7, 36-50 que ungiu, perdoada, os pés de Jesus. As fontes históricas não transmitem qualquer indício desta hipótese, não tendo havido, por outro lado, motivos para a ocultar (na tradição profética e rabínica de Israel o celibato era comum, mas não era a regra).

Mas há uma verdade de fundo que o Evangelho de João convida a contemplar ao longo das suas páginas, desde as Bodas de Caná até ao relato do Lava-pés, do encontro com Maria Madalena até à tripla confissão de Pedro (“Pedro, tu amas-me?”): o encontro com o Ressuscitado é também um caminho afetivo que envolve uma busca e uma perda, um desejo e um encontro.

Uma história de aliança – e ser discípula ou discípulo de Jesus é viver também uma história de aliança – é um contínuo processo de reconhecimento do Outro, sempre diferente e sempre um mistério. Quando, neste belíssimo relato, Maria vive um ca-



A macieira dourada, Cópia baseada na reprodução de uma foto de uma pintura de Gustav Klimt, que foi queimada num incêndio.
Foto de Vladimir Lis.

minho de perda, de desencontro e de reencontro, está na verdade a contar a história de qualquer discípulo. Porque é nos caminhos e desencontros, nas perdas e buscas, no desejo de abraçar e na necessidade de deixar partir que qualquer um de nós constrói o jardim das suas relações, da sua família, das suas amizades e da sua vida de aliança.

E é nesse jardim, não fora, que o Ressuscitado escreve uma história com cada um dos seus discípulos.

NO JARDIM DO CÂNTICO DOS CÂNTICOS

*Aonde foi o teu amado,
ó mais bela das mulheres?
Aonde foi o teu amado?
E nós o buscaremos contigo.
O meu amado desceu ao seu jardim,
ao canteiro dos aromas,
para apascentar nos jardins
e para colher lírios.*

*Eu sou para o meu amado
e o meu amado é para mim,
ele é o pastor entre os lírios.*

(Ct 6, 1-3)

No final do primeiro século da era cristã, quando as comunidades dos discípulos de Jesus se multiplicavam no mundo mediterrânico, uma assembleia rabínica de Israel declarava solenemente que o livro do *Cântico dos Cânticos* fazia parte integrante das Escrituras, definindo a sua leitura na celebração do dia de Páscoa. Facto paradoxal para um livro bíblico onde só por uma vez é enunciado o nome de Deus, mas que canta os encontros e desencontros do amor humano.



Jardim da casa da quinta (tradução livre), óleo sobre tela de Gustav Klimt (1905), Wikimedia Commons

Terá sido, certamente, um dos livros bíblicos mais comentados ao longo da tradição cristã, desde Orígenes (século III) até Bernardo de Clavaival, na Idade Média, chegando a Teresa de Ávila (o seu confessor ordenou a Teresa que destruísse o manuscrito dos seus *Pensamentos sobre o Amor de Deus*, o que a santa cumpriu; felizmente, uma outra versão, mais reduzida, chegou até nós).

O *Cântico dos Cânticos* é um livro breve, de oito capítulos, que podemos encontrar nas nossas Bíblias no conjunto dos escritos sapienciais. O jardim é uma metáfora ou mapa de buscas, desencontros e reencontros entre dois amantes. Quer a tradição judaica, quer a tradição cristã reconheceram no diálogo de amor humano uma densidade e abertura divinas.

Também os profetas de Israel utilizarão a linguagem amorosa (com a sua beleza, mas também com os seus dramas, com as suas alegrias mas também com as suas perdas) para narrar a Aliança de Deus com Israel, tradição que chegará ao Novo Testamento e à relação de Cristo com a Igreja.

O jardim surge, no *Cântico dos Cânticos*, como um lugar já estabelecido, um espaço ou cenário onde, como num sonho, as personagens são introduzidas e o preenchem com os seus desejos e aspirações. A leitora e o leitor que tiverem a generosidade de percorrer este *Cântico* encontrarão elementos naturais, seres da criação e ambientes citadinos, ambientes nos quais qualquer relação de aliança tem de conviver. Nuns momentos serão elementos de proteção e cuidado a essa aliança, noutros serão elementos de controlo e de dificuldades. Não existe o amor em estado puro ou idílico: existe apenas nas circunstâncias, jardins ou cidades que cada um habita, com as suas possibilidades e condicionantes.

“Grava-me como selo em teu coração, como selo no teu braço, porque forte como a morte é o amor”, diz o Cântico (Ct 8, 6); e o Novo Testamento dirá: “Caríssimos, amemo-nos uns aos outros, porque o amor vem de Deus e todo aquele que ama nasceu de Deus e chega ao conhecimento de Deus. Aquele que não ama não chegou a conhecer a Deus, pois Deus é amor” (1Jo 4, 7-8).

Frases fortes, densas, que nos transportam para o coração da aliança bíblica, transpondo as camadas moralistas com que sobrecarregamos esta história de salvação. Na linguagem pura e cristalina – ainda que pouco tranquila! – do Cântico, capaz de ferir os nossos ouvidos porque isenta de qualquer moralização, a tradição espiritual judaica e cristã reconheceu a narrativa de Deus com o seu povo. Exemplo que conduz o crente, para lá de todas as sobrecargas moralizantes, ao lugar – ao jardim – da sua história de aliança. Trabalho exigente e fecundo. ■



Santo António, um santo jovem com o coração inquieta



Frei José Carlos Matias

No último número da revista contei-vos o episódio que presenciei junto ao túmulo de Santo António. A história daquele jovem é um exemplo concreto, que nos ajuda a perceber que o Santo continua a tocar os corações dos mais novos. Santo António morreu muito novo. Não sabemos ao certo, mas teria aproximadamente 36 anos, por isso, é um Santo jovem. Hoje, queria aprofundar esta ideia e observar como o jovem António pode falar aos jovens.

No dia 13 de junho de 2020, ao celebrar a Solenidade de Santo António,

Dom Joaquim Mendes, Bispo Auxiliar de Lisboa, dizia na sua homilia: *Que mensagem de vida pode comunicar a figura deste gigante de santidade para a Igreja do nosso tempo? Aos jovens de hoje, Santo António apresenta-se, tal como eles, como um santo com o coração inquieto.*

Penso que esta particularidade de Santo António é muito importante. Estamos numa sociedade tantas vezes acomodada e indiferente; que não se comove com os males do próximo, que vê passar a vida e não luta por um mundo melhor. Também muitos jovens, que por natureza deveriam ser insatisfeitos e lutadores, tantas vezes vivem anestesiados e alienados... não é difícil encontrar aqueles que o Papa Francisco chama “os jovens do sofá” que veem passar a vida.

António é o exemplo de um Santo que não se acomoda, que vê as feridas da humanidade e que se desinstala; vê as misérias do mundo e levanta o Deus da misericórdia.

Dom Joaquim Mendes diz na mesma homilia, citando o Cardeal Ângelo Comastri:

Santo António é um jovem lisboeta capaz de falar aos jovens do mundo inteiro, é um homem forte capaz de resistir aos fortes com o poder desarmante do Evangelho, é um amigo de Deus e amigo dos pobres, é o santo que consegue arrancar os jovens de uma vida medíocre e torná-los capazes de percorrer o caminho belo da santidade, com humildade, com pureza e com alegria evangélica e franciscana.

Neste sentido, Santo António é muito atual e um desafio para os jovens do nosso tempo.

De 1 a 6 de agosto de 2023, vamos viver a Jornada Mundial da Juventude, em Lisboa. O Santo que Lisboa deu ao mundo tem uma mensagem importante e especial para todos nós e particularmente para os Jovens de todo o mundo que se vão reunir em Lisboa. ■

Livros

Rui Pedro Vasconcelos

VIDA DE UMA FAMÍLIA JUDIA

Proclamada co-padroeira da Europa em 1999 por João Paulo II, Edith Stein – cujo nome, como carmelita, foi Teresa Benedita da Cruz – constitui uma figura maior da tradição espiritual cristã do século XX. Alemã de origem judia, Edith Stein partilhou o destino do seu povo na *Shoah*, apesar da sua conversão ao catolicismo aos 30 anos e da sua entrada na Ordem Carmelita – um itinerário pascal que a própria reconheceu como um aprofundamento, e não um corte, com o património espiritual da Aliança.

Nesta obra encontramos o relato inacabado que a própria elaborou sobre o seu percurso familiar até 1917, data da defesa do seu doutoramento. Este relato é acompanhado de breves textos similares sobre outros episódios da sua vida. Preparado já no espaço do carmelito de Colónia, *Vida de uma família judia* é um testemunho permeado de uma profunda gratidão pelo amplo ambiente familiar no qual Edith Stein formou o seu carácter e a sua busca da verdade. Encontramos a descrição de uma família de profundos laços de solidariedade, onde os gestos e tempos próprios da vivência judaica se intercalam com a edificação da comunidade humana, a abertura aos estudos, a atividade económica. Através das relações que narra e dos nomes que refere, Edith Stein expõe – num tempo de discriminação não muito distante do nosso – aquele que foi um profundo humanismo europeu, intercultural e inter-religioso. Um humanismo que a própria aprendeu, de modo genial, a reconhecer como caminho de descoberta de Cristo, não obstante a pergunta lacerante que a sua mãe lhe faz, dirigida ao coração da experiência cristã: “Porque o

conheceste? Não quero dizer nada contra ele. Pode até ser que ele tenha sido um homem muito bom. Mas porque se fez passar por Deus?”.



Autor
Edith Stein
Edição
Paulinas
Páginas
576

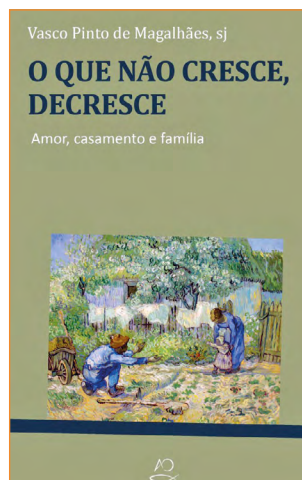
O QUE NÃO CRESCE DECRESCER

No seguimento da atenção pastoral à vida das famílias que o magistério de Papa Francisco tem dedicado, o leitor recebe agora em mãos um pequeno, mas valioso contributo da autoria do jesuíta Vasco Pinto de Magalhães. Como refere o autor, não encontramos aqui um tratado sistemático sobre o casamento católico, mas um conjunto de pistas e passos concretos que ajudem a construir, dia a dia, uma história de aliança.

O título condensa de modo feliz a proposta do autor, desenvolvida em 7 capítulos nos quais se fala da celebração católica do matrimónio, do planeamento familiar, da espiritualidade conjugal e da aprendizagem do amor. Apenas o crescimento constante, no seio das crises e das superações, pode alimentar uma história de amor. A profunda experiência de décadas no acompanhamento pessoal e comunitário de casais permite ao autor sair do âmbito teórico ou idealista que marca muito do discurso eclesial sobre a vida familiar. O reconhecimento das realidades e desafios difíceis do quotidiano é acompanhado de uma perspectiva da vida familiar como um processo de passagem do egoísmo individual à fecundidade de uma relação de amor. A leitora e o leitor (e o casal) que se aproximarem deste livro não encontrarão um “livro de receitas” ou um programa de regras e objetivos, mas uma história progressiva e gradual de discernimento, de consciência da riqueza, frágil, mas permeada da Graça divina, do matrimónio.

Há um segredo fundamental: no casal, cada um veja o outro como um dom de Deus, mesmo com as suas falhas e limites. É isto que permite ao casal entrar em comunhão e

construir uma família cristã. Cada um é para o outro uma graça e um desafio que, com as suas qualidades e defeitos, se deve entender, complementar e santificar.



Autor
Vasco Pinto de Magalhães, sj
Edição
Apostolado da Oração
Páginas
144



Cry Macho - A Redenção, de Clint Eastwood,
Drama, Thriller, Western, M/12, EUA, 2021.

PEREGRINAÇÃO
INTERIOR

Pe. Manuel Monteiro Mendes

Clint Eastwood é Clint Eastwood e um filme seu – mesmo aparentemente em tom menor – merece sempre uma visita. E, aos noventa e um anos do realizador, sabe bem fazer esta viagem com ele e com os seus companheiros. Muito se pode aprender.

De facto, é de uma longa viagem que se trata durante a qual a redenção vai acontecendo. Porque é sempre de uma viagem interior que se trata.

Mike Milo (Clint Eastwood) foi outrora uma grande e afamada estrela dos *rodeos* do Texas. Mas agora está velho e decadente. Numa das vezes, caiu de um cavalo e ficou limitado, a mulher e o filho morreram num acidente de automóvel, ele passou a beber. Está sozinho e tudo parece acabado. O início do filme mostra literalmente essa velhice desgastada e fechada. Mas o seu antigo patrão – para com quem Mike tem uma dívida de gratidão, apesar de ele ser um oportunista – vai pedir-lhe uma última missão: trazer o seu filho que foi para o México com a mãe, mas agora andarão perdido entre lutas de galos e outras clandestinidades, por causa da violência que sofria na casa da mãe.

O que mais importa aqui é a viagem de regresso, depois de convencer o rapaz (Rafa) a regressar a casa do pai, mesmo vindo a saber posteriormente que era por interesses económicos que ele queria o filho de volta. Claro que uma viagem longa como esta é cheia de peripécias que vão fazendo avançar a acção, e feita de conversas e confidências que nos vão revelando as personagens e elas se vão revelando e descobrindo a si mesmas. São sempre assim as grandes peregrinações.

E também nesta viagem há um lugar central e decisivo que vai ser iluminador e ajudar a encontrar a alegria e o sentido para a vida. Isso vai acontecer numa pequena

vila mexicana onde eles param para comprar comida, mas onde acabam por ser obrigados a ficar por causa de uma avaria no carro velho que estavam a usar. Ali, entre o café e a velha igreja, entre domar cavalos e tratar animais feridos ou doentes, cada um à sua maneira, vai (re)descobrir o aconchego das relações, da família, da ternura, do amor. Deve ser isso a redenção – encontrar o seu lugar ao lado dos outros, talvez a dançar um *bolero*, mesmo que desajeitadamente. *Cry Macho* é a descoberta da masculinidade serena nos (a)braços de uma mulher (Marta) bondosa e tranquila, acolhedora e generosa. Afinal, envelhecer pode ser um tempo feliz.

Aquele antigo ‘macho’ domador de cavalos selvagens, amargurado e sombrio (Mike), aprende a domar o seu desespero e a sua angústia. E ensina ao jovem pretendente a ‘macho’ (Rafa) que isso é uma ilusão e não vale a pena seguir por esse caminho.

No fim, o velho cowboy cumpre a sua missão, mas já não atravessa a fronteira, regressa aos braços onde redescobriu a paz e a alegria. E o rapaz vai continuar o seu caminho, depois de uma grande viagem de iniciação. Como noutros filmes seus, também aqui, Clint Eastwood nos faz pensar em várias questões fundamentais, desde logo, a liberdade e a responsabilidade das escolhas.

Aliás, uma das coisas que impressiona neste velho realizador de noventa e um anos é mesmo a sua liberdade de expor as suas fragilidades, aceitando a vida como ela é, a liberdade de filmar simples e ao seu ritmo, seguindo o seu caminho. Como ele próprio diz, com ironia, num momento do filme: “Eu não sei curar a velhice”. ■

A Pobreza em Portugal



Manuel Trigueiros Cunha

Dia Mundial dos Pobres, almoço nos claustros do mosteiro de Celas, paróquia de Santo António dos Olivais, Coimbra, 18 de novembro de 2018. Foto Arquivo MSA.

Durante os meses de abril e maio, a *Economia de Francisco – Portugal* (EdF – PT) esteve a debater a pobreza e a exclusão social em Portugal.

Tudo começou num desafio da *Rede Europeia Anti-Pobreza em Portugal* (EAPN), na pessoa do Padre Jardim Moreira, que consistia em participar e ajudar a organizar o seminário que a Rede organiza anualmente e que aconteceria a 12 de maio de 2021.

A resposta foi positiva, embora os jovens da EdF – PT tenham feito, por sua vez, um desafio à EAPN: o de fazer um *workshop* a que os jovens da EdF – PT pu-

dessem assistir de modo a se capacitarem para participarem no seminário da EAPN.

Tendo a EAPN aceite, a EdF – PT montou uma *task-force*, que tive a honra de liderar, para organizar e participar nos dois eventos e trabalhar em conjunto com a EAPN. Abrimos inscrições para o *workshop*, publicamente, especialmente direcionadas a jovens. No entanto, decidimos convidar pessoas que passam ou passaram pela condição de pobreza e pessoas que trabalham no setor social, ligadas a projetos relacionados com educação e reinserção social, que pudessem enriquecer a discussão com a sua opinião e relatos do que acontece no seu dia-a-dia.

O *workshop* realizou-se a 19 de abril. O modelo que decidimos seguir foi o de começar com uma exposição da EAPN sobre o fenómeno da pobreza e a exclusão social em Portugal, com estatísticas, mas também com ensinamentos práticos que a experiência deu aos seus membros sobre a origem e perpetuação deste fenómeno no nosso país. De seguida, dividimos os cerca de 50 participantes em 5 grupos (mais uma vez, com uma mistura de participantes e participantes-convidados) para discutir o que nos tinha acabado de ser apresentado.

Entretanto, fomos organizando o seminário de 12 de maio com a EAPN, onde garantimos a presença do Prof. Dr. Luigino Bruni (Univ. LUMSA de Roma),

coordenador científico do Encontro de Assis da EOF e do Prof. Dr. Carlos Farinha Rodrigues (ISEG), que faz parte da comissão criadora da estratégia nacional de combate à pobreza. Adicionalmente, a EdF – PT teve uma participação concreta em dois momentos deste seminário. Em primeiro lugar, fazendo parte da mesa redonda que se seguiu às intervenções dos dois convidados já referidos, através da Isabel Geraldine Barba (estudante da licenciatura em Economia da Nova SBE). Na mesa redonda intervieram também a Susete Vaz Pedro (mentora na *Teach for Portugal*) e o Duarte Fonseca (diretor executivo da APAC Portugal), que já tinham participado no *workshop* anterior. Finalmente, a Rita Sacramento Monteiro (membro da equipa de coordenação da EdF – PT) fez o encerramento e balanço da sessão.

Estes dois encontros deram muitos frutos, seja pelo conhecimento que disseminaram, seja pelas inquietações que criaram ou pelas propostas que surgiram. Pessoalmente, gostava de destacar alguns ensinamentos e inquietações que me marcaram:

1. **17,2% da população portuguesa** estava em risco de pobreza em 2018 (Inquérito ICOR, INE).
2. **Os três D's da pobreza: Divórcio, Desemprego e Doença** são as três grandes causas da pobreza em Portugal (*A Pobreza em Portugal: Trajetos e Quotidianos*, FFMS).
3. **Ter trabalho não é sinónimo de saída desta situação.** Um terço dos pobres estão empregados (*Ibidem*).
4. **Sair da pobreza é um processo difícil e longo**, mas começa na parte psicológica: a pessoa (independentemente da idade) tem de acreditar em si, não se conformar, ter forças para lutar e ter uma rede de suporte que a faça acreditar.
5. **É muito importante lutar contra o estigma e preconceito** face a quem está em situação de pobreza (ex.: uma sensação de que nada vai mudar na vida dessa pessoa), que também origina auto-preconceito e vergonha.
6. **A Educação é a grande arma para combater a pobreza**, mas será que temos um sistema que consegue potenciar cada criança ao máximo das suas capacidades?
7. **O setor social está pouco profissionalizado** e as organizações podiam trabalhar mais em conjunto. É importante combater a ideia de que trabalhar no setor social deve ser de maneira quase gratuita, para que o setor possa atrair talento que permita fazer avaliações de impacto e mostrar esse impacto à sociedade e a potenciais doadores.



Manuel Trigueiros Cunha é gerente de Projetos com experiência em Planeamento Estratégico, Desenvolvimento de Negócios e FP&A. Trabalhador e motivado, viveu experiências internacionais que lhe alargaram os horizontes, preparando-o para viver em diferentes lugares e entre diferentes culturas.

Embalados por esta “onda” da *Economia de Francisco* e conscientes de que a nossa missão só agora começou, estamos a desenvolver contactos com participantes destes dois eventos para definir os próximos passos.

Finalmente, gostava de referir a nossa motivação e entusiasmo ao ver que paralelamente à nossa iniciativa, a sociedade civil discutiu estes mesmos problemas noutros fóruns. O exemplo mais gritante é o lançamento do estudo *A Pobreza em Portugal: Trajetos e Quotidianos*, pela Fundação Francisco Manuel dos Santos, em abril deste ano.

Mais do que soluções e propostas, penso que nos inquietámos a nós e aos outros com um problema real e concreto e obtivemos informações muito práticas sobre a forma como se mantém o ciclo vicioso da pobreza em Portugal. Esse “bichinho”, essa vontade de provocar, mas também conhecer e agir, que está dentro de nós, só cresceu e é ele que nos faz querer materializar o nosso objetivo: trazer o Encontro de Assis para a nossa vida quotidiana, para o nosso país e mudar o mundo à nossa volta. Se todos fizermos isto, ter uma Economia à imagem de Francisco de Assis não só é provável, como possível. ■

Ligações que pode visitar:

A Economia de Francisco – Portugal (EdF – PT)
<https://economiadefrancisco.org/>

Rede Europeia Anti-Pobreza em Portugal (EAPN)
<https://www.eapn.pt/>

Seminário de 12 de maio com a EAPN, com a presença do Prof. Dr. Luigino Bruni (Univ. LUMSA de Roma), coordenador científico do Encontro de Assis da EOF e do Prof. Dr. Carlos Farinha Rodrigues (ISEG)
<https://youtu.be/yuXr0wqA3kM>

Jovens... e santidade “à portuguesa”

5. Maria Vieira da Silva e Fernando Caló

Luís Leal

2021 aproxima-se do fim e, com ele, este nosso percurso pelas vidas dos “jovens santos portugueses”. Desta vez, trago as histórias de um outro par destes jovens, que, apesar de não tão “famosos” como Francisco e Jacinta Marto, têm muito a ensinar-nos no que significa seguir Jesus “até ao fim”.

Foi na pacata Vila de São Sebastião, do concelho de Angra do Heroísmo (Ilha Terceira, Açores) que nasceu Maria Vieira da Silva, a 11 de novembro de 1926. Era a segunda dos 9 filhos de Júlio de Sousa da Silva, pedreiro e jornaleiro, e de Isabel Vieira da Silva, doméstica. Maria passava a maior parte do seu tempo a ajudar a mãe nas lides da casa; no pouco que sobrava, divertia-se a “inventar” brinquedos com tudo o que encontrava no seu quintal. Os vizinhos assim a viam muitas vezes: tímida, acorçada na soleira da porta a brincar com o irmão Júlio (mais novo) ou

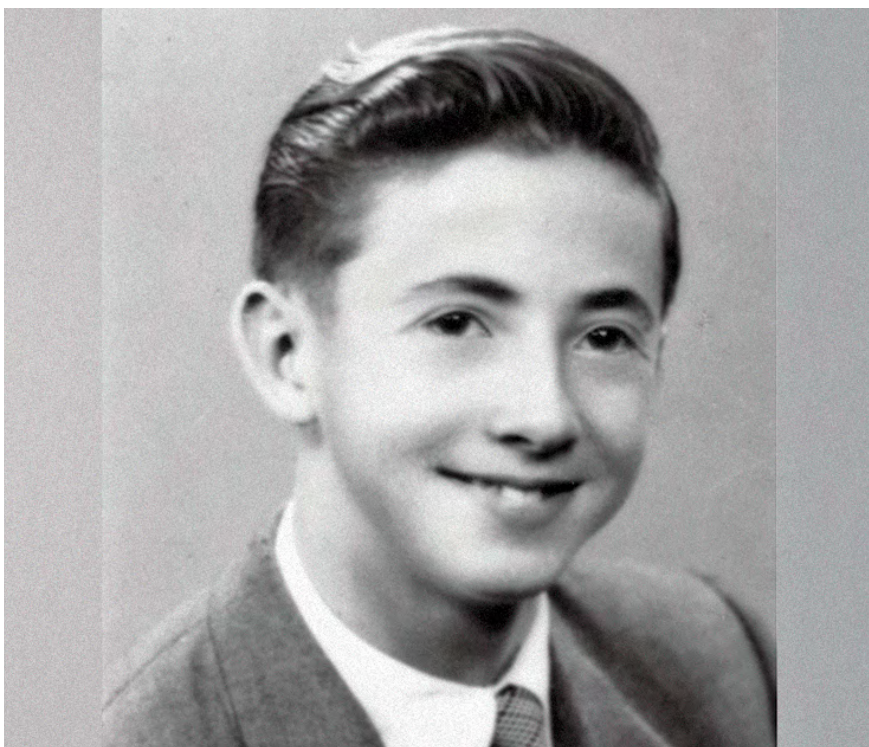
com o pai, diante do qual era extrovertida e até traquina, mas sempre respeitosa e obediente.

Aos 6 anos já frequentava a Catequese, naquela altura orientada pelo pároco Pe. Joaquim Esteves, homem austero, mas sábio. Com ele aprendeu a renegar o pecado e a ter medo do inferno, a amar a Jesus Cristo e à Virgem Maria. Inteligente e curiosa, Maria fez a Primeira Comunhão sem se destacar dos demais colegas... Mas a sua religiosidade era profunda: usava uma medalha de Nossa Senhora de Fátima ao pescoço e todos os dias rezava o terço em família. Na Escola, a sua inteligência rebrilhava: aos 10 anos, passou com distinção no exame da “4ª Classe”. Mas, como os seus pais não tinham condições para a fazer prosseguir nos estudos, imediatamente regressou à vida de sempre. Aos 13 anos era já uma “mulher em ponto pequeno”: além dos trabalhos domésticos, cuidava ainda de sua tia Dolores (doente de febre tifoide) e de seu irmão mais novo, José, de quem era madrinha e cujos graves problemas de saúde o colocavam às portas da morte.



Maria Vieira da Silva.
Foto na Página do Facebook da
Causa da Beatificação.

Quem poderia sequer imaginar que aquela jovem Maria haveria de ser assassinada pouco tempo depois (a 4 de junho de 1940), apenas por ter resistido a uma tentativa de violação? E que dizer do seu profundo amor cristão, quando, já no seu leito de morte, decide dirigir as suas últimas palavras àquele homem – “tio José Quinteiro” – que tão cruelmente lhe havia roubado a vida, não para o acusar mas para o perdoar? Se quiseres conhecer melhor a sua dramática mas igualmente bela história, podes consultar a página do Processo da sua Beatificação e Canonização (iniciado em 2018) – <https://mariavieira.org/>, onde podes encontrar notícias, fotografias, vídeos e mais curiosidades sobre a personagem e o culto que as gentes da Terceira (e dos E.U.A. e Canadá) lhe prestam.



Fernando Caló. Foto na Página www.salesianos.pt.

Menos de um ano depois da trágica morte de Maria, nasce Fernando Caló, a 29 de maio de 1939, filho de uma família igualmente pobre de Setúbal. O pai, Salvador Machado Caló, era vendedor ambulante de peixe, enquanto que sua mãe, Maria José da Silva Pereira, era “mulher-a-dias”.

Com a ida da mãe para o Estoril como “governanta”, Fernando é matriculado na Escola Salesiana daquela localidade, onde faz a Primeira Comunhão. Aos 11 anos, muda-se para Lisboa, onde é inscrito nas Oficinas de São José, estabelecimento onde se haveria de converter num verdadeiro modelo para toda a juventude salesiana.

Se, no início, era um jovem irrequieto, algo briguento e impulsivo, com o tempo haveria de se transformar num aluno

e amigo exemplar para todos os seus colegas. Essa transformação interior teve eco até na sua relação com sua mãe, cuja atitude diante da fé, da Igreja e da Eucaristia o jovem demonstrou vontade de influenciar.

Inspirando-se no igualmente jovem Domingos Sávio, Caló, no dia da Imaculada Conceição de 1954, faz a sua consagração a Nossa Senhora diante da imagem de Maria Auxiliadora. Os seus “propósitos”, lidos publicamente, são claros:

1. *Quero ser santo. Para sê-lo farei como Domingos Sávio, que será o meu modelo.*
2. *Guerra às más conversas. Não as terei, nem as quero ouvir.*
3. *Farei as minhas confissões e comunhões com frequência.*
4. *Entrego-me às mãos da Imaculada a fim de que Ela, por meio do meu confessor e do meu diretor*

espiritual, faça de mim um jovem puro e santo.

5. *Por várias vezes considerado o melhor aluno (em aproveitamento escolar e em comportamento), era visto por todos como um exemplo a seguir.*

A 22 de abril de 1956, durante um jogo de futebol, dá uma pancada com a cabeça numa coluna do pórtico do pátio, de que resulta uma série de graves lesões das quais já não haveria de recuperar. Sendo internado, fica impedido de concluir o seu curso de Tipógrafo; mas o Diploma, juntamente com o prémio de melhor aluno, acabam por lhe ser entregues pela própria mãe, na cama do hospital.

Certo dia, um companheiro pergunta-lhe: “Ó Fernando, e se morresses agora?” “Estou preparado... A verdade é que também se joga futebol no céu”, respondeu ele prontamente.

Com efeito, o “apito final” da sua vida terrena deu-se a 26 de julho desse ano, deixando na memória de muitos o seu testemunho de exemplaridade no estudo, lealdade nas relações, piedade e pureza de sentimentos.

Se quiseres saber mais sobre o Caló, a página <https://www.salesianos.pt/> ou os livros *O Caló*, de Gabriel Bosco (Edições Salesianas, 1960) e *Fernando Caló – Atleta do Senhor*, de Giorgio Mocchi (Editrice Elledici) são uma preciosa ajuda.

Como vês, os “jovens santos” estão bem perto de nós. ■

Dinheiro no bolso

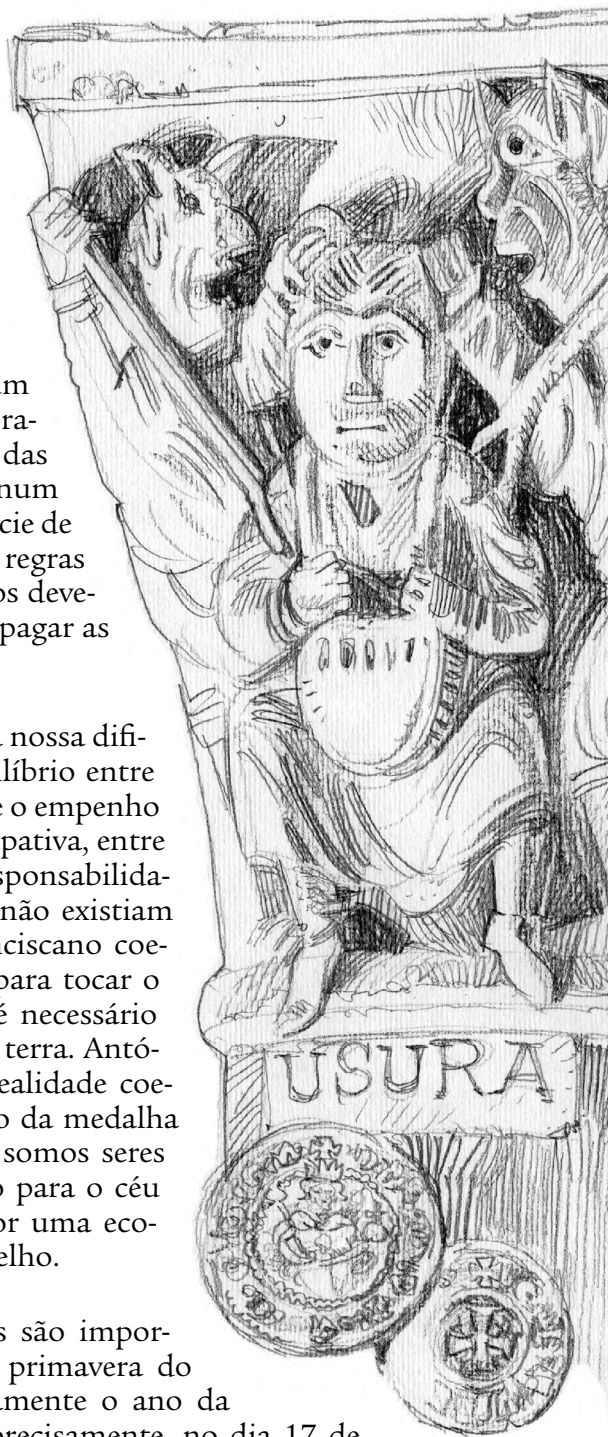
“Statutum vetus...” “Vella lei, aprovada em 1231, ao décimo quinto dia do fim do mês de março, sendo governador Estêvão Badoer. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Ámen. A pedido do venerável frade e, agora, Santo António confessor da Ordem dos Frades Menores, ficou estabelecido e ordenado...”.

Trata-se de uma linguagem curial própria daqueles que administravam a política e as prisões, gravada num estatuto, a ata mais oficial que poderia haver na Idade Média, na altura de Santo António. O texto em latim encontra-se numa cópia datada de 1276, fazendo parte de uma coleção do município de Pádua que chegou até nós. Se não for realmente o original, andar lá muito perto, o suficiente para nos emocionar: encontrar o nome do nosso António num lugar onde nunca teríamos imaginado! Não nas suas biografias, que, obviamente, também relatam o episódio

que vamos narrar, não num livro de homilias ou de orações, não no contexto das disciplinas sagradas, mas num edital municipal, uma espécie de decreto-lei que estabelece regras penais e pecuniárias para os devedores que não conseguem pagar as suas dívidas.

Ficamos emocionados pela nossa dificuldade em manter o equilíbrio entre o compromisso espiritual e o empenho de cidadania ativa e participativa, entre os deveres religiosos e a responsabilidade civil. Dificuldades que não existiam em Frei António, um franciscano coerente que bem sabia que para tocar o céu levantando as mãos, é necessário ter os pés bem assentes na terra. António bem sabia que cada realidade coexiste sempre com o reverso da medalha da mesma realidade. Não somos seres desencarnados: o caminho para o céu passa, necessariamente, por uma economia conforme ao Evangelho.

As anotações cronológicas são importantes. Estamos perto da primavera do ano de 1231: sim, precisamente o ano da morte de António. Mais precisamente, no dia 17 de março, segunda-feira santa. António tinha passado toda a Quaresma pregando, praticamente todos os dias, e confessando uma multidão de homens e mulheres. Cansado e exausto, iria retirar-se para o pequeno convento de Camposampiero, donde, no dia 13 de junho, regressaria apressadamente para Pádua, para morrer no mosteiro das Irmãs Clarissas de Arcella.



A fraternidade franciscana não prevê nem excluídos, nem rejeitados, mas apenas sobriedade, simplicidade, solidariedade, partilha e justiça, para que todos possam participar na grande festa da vida. Antônio sabia-o bem...

Fabio Scarsato

Ilustração: Luca Salvagno

No meio de todo este turbilhão, ainda arranja tempo para tratar de... economia. O Santo a quem todos pedem, por uma vez é ele quem pede: insiste junto das autoridades competentes para que sejam previstas leis mais justas para os devedores insolventes. E, neste caso, o irmão Antônio não arrisca nenhum conflito de interesses: o seu voto de pobreza afasta-o de qualquer desejo de posse ou de enriquecimento.

Mas a sua fé num Deus que é pai de todos e a todos, sem exceção, dá generosamente os seus bens, torna-o apaixonadamente atento a todos os homens e mulheres, às necessidades de cada um, aos seus direitos, bem como aos seus deveres. Aten-to, de modo especial, a todos aqueles que, outrora como hoje, são atirados para a pobreza, vítimas de uma riqueza mal distribuída e egoisticamente acumulada.

“O dinheiro não dá a felicidade, muito menos a miséria”, disse Woody Allen no seu humor cáus-tico.

A economia tem de estar ao serviço do homem e do seu “bem-estar”. A fraternidade franciscana não prevê exclusões, rejeições ou efeitos colate-rais. Pressupõe, isso sim, sobriedade, simplicida-de, solidariedade, partilha e justiça, para que to-dos possam participar na grande festa da vida! ■



Orações

a

Santo António



Querido Santo António, a vós me dirijo para vos pedir força para os meus estudos emotivação. Ajudai-me a ser melhor, por favor! Protege sempre a minha família. Muito Obrigada!

Obrigada, amigo lindo, Santo António, por tudo o que tens feito na minha vida. Entrego-te a minha família. Ajuda a minha mãe e enche o seu coração de tudo o que de bom ele necessita. Entrego-te a minha filha, ajuda-a a encontrar o amor verdadeiro e a encontrar trabalho. Molda o seu coração. Nunca desistas de mim. Entrego o meu coração em teu regaço. Obrigada amigo fiel, beijinhos.

Querido Santo António, eu quero paz, amor e carinho!
Maria de Lurdes

Querido Santo António, quero-te pedir para ser um grande jogador de ténis, como o Nadal, Federer e o Djokovic. Se for possível, quero continuar a ter confiança do meu pai e continuar a no colégio onde me encontro. *Estudante*

Vos peço, meu Santo António vossa bênção e agradeço por esta sua casa. Peço vossa bênção por ter sido aceite no trabalho, saúde, amor e família. *Simone*

Meu Santo António, peço-te mais uma vez que, pela tua intercessão, ajudes a minha filha

a arranjar um trabalho que tanto precisa, pois isso causa-lhe muitos problemas a nível da saúde. Mais uma vez te agradeço! *Marta*

Meu Santo António, peço-te que me ampares e que eu consiga realizar os meus sonhos. Dá-me saúde e paz. Saúde aos meus filhos e netos. Saúde aos meus amigos e aos meus inimigos. Paz e saúde ao mundo.

Querido Santo António, quero entregar-te a nossa família. Purifica-a e abençoa-a. Hoje particularmente entrego-te o meu sogro e sogra. Entrego-te o meu irmão e a sua família ferida... muito ferida. Cura-a Pai. Querido santo, cura-a. Por fim, entrego os meus filhos e o nosso casal que se encontra enfraquecido pela vida.

Querido Santo António, cura a minha filha da triste doença que ela tem! *Amélia*

Santo António roga por nós – toda a humanidade – em aflicção e sofrimento. E aos que vão partindo a paz para toda a eternidade. Amén!

Querido Santo António, mais uma vez estou aqui a pedir pelo meu marido que foi operado. Peço-te que lhe dês coragem e forças a nós também! Tenho um grande amor a vós, Santo António, não o abandones. *Esposa preocupada*

Neste momento tão difícil na vida do meu irmão, meu querido Santo António, peço-te que o protejas e cuides dele. Guia as mãos dos médicos que vão operá-lo. Obrigada, Santo da minha devoção! *Uma irmã*

Peço-te, por favor, meu Santo António que ponhas no meu caminho um companheiro que me faça feliz. Que sejamos os dois muito felizes. Peço-te com a máxima brevidade, pois sinto muita solidão! A tua bênção.

Querido Santo António, quero pedir a tua intercessão junto de Jesus, de Maria, junto de Deus Pai e do Espírito Santo pelo meu casamento. Estávamos com o mesmo objetivo, queríamos uma relação enraizada em Cristo, mas as dúvidas, os medos, as incertezas, os vícios, os (...) vieram arrasar a nossa relação. Peço a graça da nossa relação, a graça da nossa união e a graça da nossa reconciliação. Que possamos reiniciar tudo, ainda mais agarrados a Jesus. Muito Obrigada! P.S. Pode ser muito rápido? Tenho tantas saudades dele!

Meu querido Santo António, santo da minha devoção, neste dia soube que a minha nora tem de ser operada. Eu te peço, do fundo do meu coração, que intercedas por ela ao Senhor para que a operação corra bem e não seja maligno, que fique bem de saúde. Amén! *Sogra preocupada*

ASSINA E DIVULGA O MENSAGEIRO DE SANTO ANTÓNIO



Agora podes pagar com Multibanco

A Entidade e Referência que constam do talão podem ser utilizadas para fazer o pagamento de qualquer valor da assinatura ou donativo.

São sempre válidas e cada assinante tem uma referência única, que permite identificar o pagamento sem necessidade de enviar o comprovativo.

Em alternativa podes aceder ao nosso sítio na Internet. No menu Assinantes encontra-se um formulário para efetuar qualquer pagamento ou donativo através de Multibanco, MBWay, Payshop ou Paypal.

Podes continuar, também, a utilizar a transferência bancária, sendo necessário, nesse caso, enviar o comprovativo.



1989-3760 Pago até: Dezembro 2021
Entidade: 21721 Referência: **VER TALÃO**

Preço da assinatura anual Digital/Impressa

DEVOTO/Portugal Ed. impressa	22 €
AMIGO:	50 €
BENFEITOR	100 €
Edição impressa EUROPA:	40 €
Ed. impressa fora da Europa:	50 € / \$ 75

NIB: 0010 0000 42510410001 59

IBAN: PT50 0010 0000 42510410001 59

SWIFT/BIC: BBPIPTPL

<https://santoantonio.live>

Aqui estou outra vez, meu querido Santo António, a pedir a vossa proteção junto de Jesus. Preciso muito de um trabalho que me dê estabilidade, apanhei um problema na mão direita. Pede ao Santo Menino em teus braços por mim, por um trabalho e pela minha saúde. Amém! *Joana*

Querido Santo António, quero agradecer-te a saúde que me tens oferecido e também a toda a minha família, principalmente à minha mulher. Quero agradecer-te também teres aberto a porta para o apartamento que nós queremos. Já apareceu outra hipótese, apesar de ainda ser impossível comprá-lo. Peço-te que nos concedas a graça de termos saúde e continuar a olhar por nós. Obrigada! *António*

Querido Santo António, quero-te agradecer a saúde e a vida da minha filha Mónica. Em forma de agradecimento te deixo a sua foto. Amém! *Sandra Félix*

Parabéns Santo António! Quero agradecer todo o apoio, carinho e “o estares sempre ao nosso lado”. Obrigada do coração. Se for possível, ajuda o papá e dá força à mamã. Dai-lhes saúde e tranquilidade e, que a doença do papá não progrida e estabilize mais uns tempos, com qualidade de vida para as suas tarefas diárias. Agradeço do coração. Obrigada meu amigo. Amém! *Daniela*

Querido Santo António, peço para deixar de fumar tabaco. Rezo por vós todos os dias “Mistérios luminosos”. Obrigada! *Fátima*

Meu Santo António, que nos protejas contra as forças do mal. Protege-nos para que encontremos o caminho, a paz, a harmonia, o amor e que seja o melhor que nos está destinado. Tuas bênçãos, obrigada! *Helena João*

Meu querido Santo António, eu te agradeço tudo o que tens feito por mim e meu marido. Encontrámo-nos e ficámos próximos depois da pandemia. Ficou para a vida. Não vivemos sem ti, és o nosso amigo número um. Este mês escrevo-te para te pedir um especial favor: vou fazer um exame ao peito que é muito importante estar tudo bem. És grande na tua generosidade, concede-me essa graça! *Helena*



Jesus, Pão da vida

A PALAVRA DE DEUS

“Eu sou o pão vivo que desceu do céu: se alguém comer deste pão, viverá para sempre; e o pão que Eu darei é a minha carne pela vida do mundo”.

Altercavam, então, os judeus entre si, dizendo: “Como pode este dar-nos a sua carne a comer?”. Disse-lhes, então, Jesus: “Em verdade, em verdade vos digo: se não comerdes a carne do Filho do Homem e beberdes o seu sangue, não tereis vida em vós. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem vida eterna e Eu o ressuscitarei no último dia. Porque a minha carne é verdadeiro alimento e o meu sangue é verdadeira bebida. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e Eu nele. Assim como o Pai que vive me enviou e Eu vivo pelo Pai, também quem me come viverá por mim. Este é o pão que desceu do céu. Não é como o que os pais comeram: eles morreram; quem come este pão viverá para sempre”.

Jo 6, 51-58



A Ceia de Emaús, Caravaggio, 1601, óleo sobre tela

A PALAVRA DE SANTO ANTÓNIO

Jesus, o pão da vida eterna

Jesus, apresenta-se como misericordioso, cuja misericórdia não tem medida.

É natural de Belém, que significa *Casa do pão*.

De facto, na casa da Igreja somos alimentados com o pão do seu corpo.

“O pão que Eu darei é a minha carne pela vida do mundo” (Jo 6,52).

Também nós seremos naturais de Belém, na eterna bem-aventurança, onde seremos saciados quando o virmos face a face (1Cor 13,12).

O pão da vontade de Deus

“Tendo Jesus entrado, a um sábado, em casa de um dos principais fariseus para comer uma refeição” (Lc 14,1).

O pão é a vontade de Deus, que se deve pôr diante de toda a gente e com todos os alimentos.

Qualquer obra, que não tenha o pão da vontade divina, é estéril.

Quando o pecador se converte é habitado pela graça;

e, desta forma, a vontade do Senhor, que é vida, encontra-se nele.

O pão que fortalece

Este é o pão vivo; quem o comer viverá para sempre (Jo 6,50).

O pão da vontade do Senhor, fortalece o coração do homem.



Frei Valentim Strappazzon

obre tela. Atualmente na National Gallery, Londres. Commons Wikimedia. Detalhes sobre a pintura em <https://youtu.be/1KcdgFxmnb4>

APROFUNDAMOS

Santo António não comenta inteiramente o discurso de Jesus sobre o pão da vida, mas faz algumas referências em dois sermões que contêm dois preciosos ensinamentos: este pão é o Corpo de Cristo que nos é servido na Igreja; e **representa a vontade do Senhor, que fortalece o coração do homem**.

A Igreja, “casa do pão”

A referência à Igreja, “casa do pão”, é feita por meio de duas interpretações da pessoa de Jesus e da cidade de Belém. Jesus significa misericordioso, de uma misericórdia sem limites, que nos é dada por Deus Pai somente por misericórdia. É chamado pela Bíblia filho de “Belém”, porque nasceu em Belém e Belém significa “casa do pão”. Ora, para nós, a “casa do pão” é a Igreja que nos alimenta com o pão do seu Corpo. Todos os dias, lembra António no sermão da Ceia do Senhor, “a Igreja universal prepara um banquete de manjares deliciosos e de carne cheia de uma dupla riqueza, interior e exterior, com o seu Corpo, enriquecido por dentro e por fora com toda a virtude espiritual e com toda a caridade”.

O pão da vontade do Senhor

O pão da vontade do Senhor é toda a palavra de Deus que dá sentido à nossa vida. Este pão deve ser servido a todos na atividade de cada um, porque tudo o que dizemos ou fazemos sem este pão fica estéril, sem sentido e muitas vezes, quando é ditado apenas pela vontade dos homens, pode tornar-se enganoso. Por isso, António afirma: “O pão que Jesus nos oferece é um pão vivo. Quem dele comer, nunca morrerá porque vive com Aquele que é a Vida. É um pão que nos faz «permanecer nele», nos une a Ele, como Ele mesmo está unido, numa só coisa, ao Pai”.

“**O pão da vida** – conclui António – é a vontade do Senhor, pão que fortalece o coração do homem”. ■

Peço notícias de Deus

De mãos trémulas
Mãos que procuram mãos
Peço notícias de Deus

Chegou o tempo
De colher como o trigo nos campos
O enigma
Da hora matinal da existência

Chegou o tempo
De encher os quatro cantos da alma
Da palavra entreaberta na bruma
Onde caiba a carne violada da distância

Chegou o tempo
De saber onde é o céu
Não o desabitado
Furado pelas naves espaciais

Em que o desespero se fez silêncio
Em que a alegria desaguou nas enseadas do alheamento
Em que não se ouvem acordes
Nem sequer de um cicizar medroso de lábios

Mas o outro
De que somos caminho
Passagem
Verdade em viagem

De mãos trémulas
Mãos que procuram mãos
Peço notícias de Deus

Ou das nuvens que O algemam
Entre soluços de sombras